



APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

A estrutura de uma casa e os itens contidos em seu interior portam dimensões simbólicas e imaginativas ligadas a experiências e lembranças do espaço vivido: objetos, odores, relações, afetos, trajetórias de vida. Essas memórias impregnam o ambiente doméstico, do mesmo modo que parecem guardar o tempo, além de aguçar a percepção e de atestar a importância da moradia e dos encontros que esse lugar proporciona.

A casa é testemunha de histórias íntimas, mas não só por servir de lócus de interação entre as pessoas; é também um espaço de fruição, de sonhos, fotografias, cores, flores, vasos, garatujas marcadas nas paredes, com recantos arranjados de formas particulares que distinguem cada um, em sua individualidade. De privados, esses espaços podem, em determinadas situações, se tornar públicos, com a ampliação de suas possibilidades funcionais, bem como do alcance das subjetividades e das experimentações.

A edição de número 16 da *Revista do Centro de Pesquisa e Formação* destaca a importância das pequenas células culturais chamadas de independentes, alternativas, auto-organizadas, autônomas – ou simplesmente *casas*. São locais que fomentam experiências estéticas, iniciativas culturais e projetos educativos voltados à transformação social, assim como a prática das portas abertas para o encontro e momentos coletivos. A convivência das pessoas nesses espaços representa fonte de interesse para estudos de temas relacionados ao campo da educação não formal.

A pergunta “O que é habitar a casa?” orienta o primeiro artigo do dossiê, preparado pelo professor de filosofia Gabriel Kafure da Rocha. Intitulado “Revisitar a casa bachelardiana: um devaneio-manifesto sobre o imaginário estético e político em um habitar latino-americano”, seu texto revisita o conceito de casa em Bachelard, buscando compreender o “eterno retorno” que todo ser vivencia.

Em “Instituto Juca de Cultura: uma casinha e seu voo”, o olhar etnográfico do músico Alisson Antônio Amador descreve a história, os projetos e as principais atividades do Instituto Juca de Cultura – um pequeno centro cultural em São Paulo que busca reunir pessoas para apresentações, criações artísticas, além de cafés, almoços e jantares.

Janice de Piero e Maria Fernanda Andrade Saiani Vegro apresentam a Casa Amarela – um espaço cultural que reúne artistas, educadores e a vizinhança, e se coloca como oposição ao avanço da financeirização nos processos de composição do solo urbano, marcados pela especulação

imobiliária, pela intensa verticalização e pela descaracterização de bairros tradicionais da cidade de São Paulo.

Escrito por Ângela Castelo Branco e Giuliano Tierno, o artigo “A Casa Tombada: um lugar para cultivar a vida junto” conta a história da instituição de mesmo nome, suas mudanças durante a pandemia de Covid-19 e a expansão *on-line* denominada “A Casa Nuvem”. No texto, são apresentadas as chamadas *cenar fulgor*, conceito desenvolvido pela escritora Maria Gabriela Llansol para nomear “uma morada de imagens”, com acontecimentos que subsidiam os principais pontos explorados pelos autores.

A contribuição seguinte, de autoria de Marleth Reis Alves e Reinaldo Reis Alves, apresenta um espaço cultural dedicado ao autoconhecimento chamado “Casa da Ponte”. Reunindo a história de vida dos seus gestores, as coexistências e o desenvolvimento de projetos, o artigo concebe a casa para além da moradia, enquanto lugar de encontro público, com identidade própria e acolhedora de vivências que sustentam a vida.

Maria Cláudia Gavioli apresenta um texto embasado em experiências e referenciais teóricos que destacam a hospitalidade e a gastronomia como vetores dos núcleos culturais chamados de casas. Intitulado “Formas de pensar as casas ou espaços culturais em relação à gastronomia: a importância das comidas e bebidas nos espaços de arte e cultura”, o artigo resalta a comida e a bebida como elementos sociais identitários capazes de estabelecer vínculos entre as pessoas, tanto quanto a arte em suas manifestações diversas.

Em “Teatro de grupo e cidade: territórios de criação como espaços de arte/vida”, Caio Franzolin desenvolve uma discussão a partir do olhar para sedes de coletivos do *teatro de grupo* de São Paulo, pensadas como territórios de criação em constante diálogo com a cidade, destacando os sentidos que o lugar pode propiciar para os coletivos espalhados pelo tecido urbano.

“Ateliê do artista: uma topologia da intimidade” é o título do artigo de autoria da jornalista Helena Bagnoli, que procura identificar o lugar excepcional, quase mítico, que os ateliês ocupam no imaginário. Contribuem para a reflexão da autora os repertórios por ela acumulados ao dirigir a seção “Ateliê do Artista”, na revista *Bravo!*, e, posteriormente, a série audiovisual *Artérias*, composta de 26 minidocumentários com artistas indígenas, negros e trans de diferentes partes do Brasil.

Maíra Endo arremata o dossiê com um texto sobre o circuito auto-organizado das artes visuais a partir de sua experiência como gestora e pesquisadora do Ateliê Aberto, em Campinas (SP), destacando a pesquisa de

arte independente denominada “Hipocampo”, vertida em um acervo público digital e multidisciplinar, e o projeto “Córtex”, que direciona suas ações para o circuito independente das artes visuais.

Quatro professores que participaram recentemente das ações promovidas pelo Centro de Pesquisa e Formação contribuem com esta edição mediante textos sobre seus temas de pesquisa. O arquiteto urbanista Silvio Cordeiro apresenta um relato do curso “Cidades e ruínas”, que introduziu o estudo específico do patrimônio histórico, contribuindo para o conhecimento dos diversos processos constituintes da paisagem no tempo, no qual as ruínas são vistas como resultantes dos impactos provocados por ações humanas.

Estudiosa da história e da criação dos parques urbanos no país, a arquiteta paisagista Francine Sakata traz em “Panorama dos parques paulistanos a partir de visitas em grupo promovidas pelo CPF Sesc” o registro de dois cursos realizados em 2022 com o objetivo de apresentar parques urbanos em São Paulo e discutir seus papéis. Com foco em tais equipamentos, a autora analisa questões ambientais, a ecologia da paisagem, os serviços ecossistêmicos, as demandas sociais e os usos públicos que são feitos deles, além de observar seus projetos arquitetônico-paisagísticos e os desafios de sua gestão e manutenção.

Professor titular do Departamento de Antropologia da USP, Heitor Frúgoli volta a figurar entre os autores da revista com um texto sobre as memórias de ruas do Bixiga ao longo do tempo, baseado em sua palestra proferida no ciclo de debates acerca do território do Bixiga, realizado no Centro de Pesquisa e Formação, em março de 2023.

A influência das plataformas digitais nas atividades e práticas corporais é o tema abordado por Alan Queiroz da Costa, professor da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco, no texto intitulado “Pedagogia do movimento no ambiente virtual”, em que alguns conceitos, definições e novas perspectivas são analisados à luz de conhecimentos da área da comunicação.

Como resultado do Curso Sesc de Gestão Cultural, a edição incorpora os artigos “Perfurar água, nascer palavra”, “O Pro-Mac – um estudo sobre a lei de incentivo e a descentralização do investimento cultural paulistano” e “Potencialidades e desafios na área cultural da microrregião de Lins: um olhar pós-Lei Aldir Blanc”, escritos pelas ex-alunas Arami Argüello, Tatiana Solimeo e Aparecida de Fátima Martins de Paula, respectivamente.

Dialogando com o tema do dossiê, a entrevistada da atual edição é a filósofa e escritora Maria Vilani, que conta como transformou sua casa em um centro de cultura, além de discorrer sobre seu trabalho como escritora. A ativista cultural destaca a importância do afeto, da confiança e, sobretudo, da aposta de que é possível transformar porções urbanas em territórios favoráveis ao exercício da arte, da educação e da cidadania.

Gláucia Dias da Costa, pesquisadora da área de Cinema, Educação e Infância e professora de História na Universidade Federal de Santa Catarina, resenha o livro *Cinema e Educação: a emergência do moderno* (anos 1920 e 1930), escrito pela coordenadora de programação do Centro de Pesquisa e Formação, Rosana Catelli, e recém-publicado pelas Edições Sesc.

A revista traz ainda o texto poético “Uma praça”, do letrista musical, poeta, livreiro e produtor cultural Paulo Nunes, e o ensaio fotográfico “Entre laços: no interior do meu Bixiga”, da diretora de fotografia Thais Taverna, que reúne imagens do bairro na seção “Narrativas Visuais”.

Ampliando o acesso a produções culturais e favorecendo a sociabilização, a reflexão e o debate, as casas de cultura formam uma rede de territórios expandidos entrelaçados uns aos outros, com características e abordagens singulares. Os textos desta edição buscam trazer contribuições para o conhecimento e a conexão desses espaços, sugerindo novas possibilidades de se perceber e promover ações culturais.

Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda, Diretor do Sesc São Paulo